

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
**(Organizadora)**



# **A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 5**

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)**



# **A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 5**

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural  
5 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de  
Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-31-3

DOI 10.22533/at.ed.313201302

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.  
3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de  
Souza.

CDD 370.710981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca  
brincando com fardado, criança grita  
mas se leva pro sarau, a criança rima  
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA,

SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica) Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
FORMAÇÃO PERMANENTE DE PROFESSORES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE	
<a href="#">Sandra Patrícia Nascimento Kuroki</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3132013021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
O INGRESSO E A PERMANÊNCIA DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR	
<a href="#">Jaliane Soares Borges dos Santos</a>	
<a href="#">Jakline Soares Borges dos Santos</a>	
<a href="#">Janice Soares Borges dos Santos Souza</a>	
<a href="#">Rogério Pacheco Rodrigues</a>	
<a href="#">Geane Silva Lima</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3132013022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
SUBJETIVIDADES DO SER HUMANO CONTEMPORÂNEO: TRABALHO E EDUCAÇÃO	
<a href="#">Aracéli Girardi da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3132013023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>30</b>
O ACOMPANHAMENTO DE UM ADOLESCENTE COM MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS NO PROAMDE/UFAM EM PARINTINS - AMAZONAS	
<a href="#">Naiana Lima Rodrigues</a>	
<a href="#">Lucas Diógenes Leão</a>	
<a href="#">Mariana Pereira de Andrade</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3132013024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: ENSINO NO CONTEXTO COM A COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA	
<a href="#">Rosikelly Macedo Gonçalves Cabral</a>	
<a href="#">Juliana Moraes Franzão</a>	
<a href="#">Renata Araújo Guizzetti</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3132013025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
AS IMPLICAÇÕES DAS FORMAÇÕES INICIAL E CONTINUADA DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS : ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM FEIRA DE SANTANA -BAHIA	
<a href="#">Carleia de Araujo Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3132013026</b>	



<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>64</b>
A EDUCAÇÃO CIDADÃ E O MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO	
Helce Amanda de Oliveira Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3132013027</b>	
<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>72</b>
A FUNÇÃO PÚBLICA DE AVALIAR A EDUCAÇÃO SUPERIOR	
Adelcio Machado dos Santos	
Joel Haroldo Baad	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3132013028</b>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>79</b>
ARTEFACTOS TECNOLÓGICOS MEDIANTE LA PLATAFORMA VIRTUAL EDUCAPLAY: UNA MIRADA DESDE LAS ESTRATEGIAS DE APRENDIZAJE	
Jakeline Amparo Villota Enríquez	
Carlos Arturo Lucumi Charrupi	
Maribel Villota Enríquez	
Heriberto González Valencia	
Javier Truquez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3132013029</b>	
<b>CAPÍTULO 10 .....</b>	<b>97</b>
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DA REDE REGULAR DE ENSINO	
Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva	
Mychelle Maria Santos de Oliveira	
Najra Danny Pereira Lima	
Mayanny da Silva Lima	
Thalia Costa Medeiros	
Valeria Silva Carvalho	
Maria Camila da Silva	
Thais Costa Medeiros	
Gilma Sannyelle Silva Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.31320130210</b>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>110</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA AUTOINSTRUCIONAL – UMA ANÁLISE BASEADA NA EXPERIÊNCIA DOS TUTORES DE UM CURSO A DISTÂNCIA	
Nádia Cristina de Azevedo Melli	
Eliana Cristina Nogueira Barion	
<b>DOI 10.22533/at.ed.31320130211</b>	
<b>CAPÍTULO 12 .....</b>	<b>117</b>
A AVALIAÇÃO DE TURMAS DO ENSINO MÉDIO UTILIZANDO TESTES CUJO MODELO SEGUEM A PADRONIZAÇÃO DO ENEM	
Gustavo Nogueira Dias	
Gilberto Emanuel dos Reis Vogado	
Wagner Davy Lucas Barreto	
Eldilene da Silva Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.31320130212</b>	

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>128</b>
A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E CONHECIMENTO	
Valmir Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.31320130213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>141</b>
ENTRE A DELIMITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO CONCEITO DE TUTORIA EAD	
Leandro Ortunes	
Roberta Sposito Gausachs	
<b>DOI 10.22533/at.ed.31320130214</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>151</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>152</b>

## A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: ENSINO NO CONTEXTO COM A COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA

Data de aceite: 31/01/2020

### **Rosikelly Macedo Gonçalves Cabral**

Pós-graduanda em Ensino de Ciências e Matemática, Regional Itumbiara (IFG), Itumbiara, Estado de Goiás. rosikellymacedoshi@gmail.com

Instituto Federal de Itumbiara

### **Juliana Moraes Franzão**

Doutora em Química pela Universidade Federal de Uberlândia, IFG-Campus Itumbiara, Goiás.

juliana.silva@ifg.edu.br

Instituto Federal de Itumbiara

Itumbiara-GO

### **Renata Araújo Guizzetti**

Pós-graduanda em Ensino de Ciências e Matemática, Regional Itumbiara (IFG), Itumbiara, Estado de Goiás. renata.aguizzetti@gmail.com

Instituto Federal de Itumbiara

Itumbiara-GO

**RESUMO:** O trabalho apresentado é fruto de sequência didática realizada na turma do 5º Ano do Ensino Fundamental I, na Escola *Happy School*, do Município de Itumbiara no estado de Goiás. O relato de experiência buscou responder a seguinte questão: “É possível que alunos do Ensino Fundamental I a partir de aulas contextualizadas com as relações étnico-raciais despertem o interesse em conhecer a história de comunidades quilombolas?”. Foram

realizadas quatro etapas sendo que, a primeira consistiu na apresentação do livro “O Kalunga tem História Desafios para o Ensino de Química na Educação Quilombola” com o levantamento semelhanças e diferenças existentes entre a realidade dos alunos e as comunidades quilombolas, evidenciando o processo histórico, a luta e a cultura. Na sua etapa realizou-se a leitura e discussão no livro didático da escola apresenta no conteúdo de História de Goiás, o tema Remanescente de Quilombo Kalunga, permitindo a contextualização entre os dois livros didáticos. A terceira etapa consistiu em diálogo e produção de textos. Na quarta etapa a elaboração de slides e apresentação. Os resultados evidenciam a necessidade de um currículo escolar integrado que estimule o aluno a querer conhecer e valorizar a história e cultura de comunidades quilombolas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Quilombolas. Kalunga.

### EDUCATION FOR ETHNIC-RACIAL RELATIONS: EDUCATION IN THE CONTEXT WITH THE KALUNGA QUILOMBOLA COMMUNITY

**ABSTRACT:** The work presented is the result of a didactic sequence performed in the class of the 5th grade of Elementary School I, at the Happy School, in the municipality of Itumbiara,

Goiás State. The experience report sought to answer the following question: “Is it possible that students Elementary School I from a contextualized classes with ethnic-racial relations arouse interest in knowing the history of quilombola communities?”. Four stages were carried out. The first one consisted of the presentation of the book “Kalunga Has History Challenges for the Teaching of Chemistry in Quilombola Education” with the survey of similarities and differences between the reality of students and quilombola communities, highlighting the historical process, the struggle and the culture. In its stage, the reading and discussion of the textbook of the school was carried out, presenting in the content of History of Goiás, the Remaining Quilombo Kalunga theme, allowing the contextualization between the two textbooks. The third stage consisted of dialogue and text production. In the fourth stage the elaboration of slides and presentation. The results highlight the need for an integrated school curriculum that stimulates the student wants to know and value the history and culture of quilombola communities.

**KEYWORDS:** Education. Quilombolas. Kalunga

## INTRODUÇÃO

A ideia de produzir um artigo que tratasse da questão dos direitos sociais como a educação e cultura, e de se conhecer a história de seu estado na perspectiva dos povos tradicionais quilombolas, a ter como exemplo a Comunidade Quilombola Kalunga surgiu a partir de discussões no decorrer das aulas de Ensino por Investigação do curso de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática.

A discussão permitiu refletir o quanto não se conhece as raízes culturais, percebendo uma oportunidade de aprofundar as investigações junto a turma do 5º Ano do Ensino Fundamental I. É notório que mesmo a própria comunidade goiana não conhece as comunidades quilombolas existentes em seu estados, menos ainda o maior território quilombola brasileiro que abriga a Comunidade Quilombola Kalunga, a qual permaneceu isolada por muitos anos de acordo com Franzão, 2017.

Não há um registro específico sobre a origem dessa comunidade. No depoimento de Dona Procópio, membro mais velho da comunidade que lutou junto com Santina (in memoriam) sua companheira de jornada, e com o auxílio de Mari Baiocchi e outras pessoas, podemos dizer, a partir da fala de sua neta Bia, que foi formada há mais de 250 anos por seus antepassados que vieram da África e que há pouco mais de 40 anos começaram a ter maior acesso à cidade e às pessoas “externas” à comunidade. (FRANZÃO, 2017)

Os dados de Franzão (2017) condizem com os de Fernandes (2014) a qual afirma que a comunidade quilombola Kalunga, remota de mais ou menos por volta de 1722, quando através das Bandeiras o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva adentrou o território da então Capitania de Goiás, para a exploração das minas.

Conhecer as pesquisas publicadas que retratam sua história, trajetória e

cultura e divulgando-as por meio de aulas, permite a aproximação de uma realidade oportunizando novos aprendizados. Dessa forma, a leitura de um livro escrito a partir da pesquisa etnográfica realizada por Franzão, 2017, trouxe relatos de experiências de vida do povo Kalunga, na busca pelos seus direitos territoriais, culturais e respeito ao seu modo de ser e viver, plantar e colher. Apresentou como são capazes de desenvolver uma educação de qualidade, valorizando os saberes tradicionais e enfrentando a escassez de recursos financeiros e estruturais, o que despertou nos alunos tanto da Pós-Graduação quanto nos do Ensino Fundamental I o interesse em entender melhor suas raízes.

Em síntese, trouxe uma contextualização histórica acerca da formação da Comunidade Quilombola Kalunga: resistência, origem, reconhecimento e tombamento como Sítio Histórico Cultural Kalunga, assim bem, como o conceito de quilombos e quilombolas, que muitas vezes não é bem conhecido ou discutido na sociedade brasileira. Cada etapa desse processo foi construída com a participação ativa dos alunos que pesquisaram, debateram e apresentaram vários aspectos encontrados na pesquisa que realizaram os quais foram incorporados junto ao tema.

## DESENVOLVIMENTO

O trabalho consistiu no desenvolvimento de quatro etapas: leitura do livro paradidático, leitura do livro didático, discussão e produção textual, realização de pesquisa com elaboração e apresentação de slides.

Na primeira etapa da atividade foi apresentado o livro “O Kalunga tem História Desafios para o Ensino de Química na Educação Quilombola” (figura 1) e durante a leitura foram levantadas as semelhanças e diferenças existentes entre a realidade dos alunos e as comunidades quilombolas, evidenciando o processo histórico, a luta, a resistência, o preconceito racial e a cultura.

Na segunda etapa os estudantes realizaram leitura e discussão em seu próprio livro didático que apresenta na História de Goiás, o tema Remanescente de Quilombo Kalunga, permitindo a realização de um trabalho contextualizado entre os materiais (figura 1).

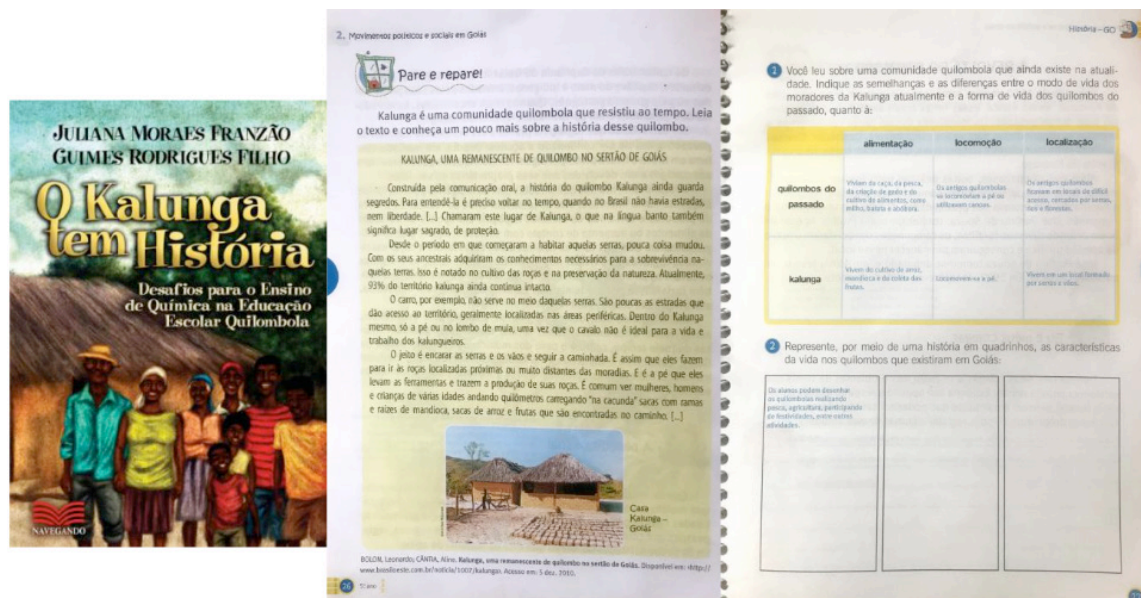


Figura 1: Capa do livro paradidático e das páginas 26 e 27 do livro didático

Fonte: Franzão, 2017 e Dalfré, 2013.

Unir um livro didático como material referência da escola permitiu ao aluno ampliar a sua visão do tema discutido, levando-o a experienciar um horizonte ampliado acerca do assunto.

A terceira etapa consistiu em atividades orais, dialogando sobre o tema para realização das produções textuais, as quais foram marcadas pelo envolvimento dos alunos que demonstraram interesse, entusiasmo e envolvimento com o tema, podendo ser observado na figura 2.

Quilombos não comunidades formadas por escravizados fugitivos das fazendas. Esses lugares se transformaram em centros de resistência dos escravizados negros que escapavam do trabalho forçado no Brasil.

Figura 2: Produção textual aluno A2.

Fonte: Elaborado pelo aluno A2.

Na quarta etapa os alunos elaboraram seus próprios slides, os quais foram solicitados como atividade de casa, produzidos a partir da pesquisa realizada e compartilhada com os familiares, uma vez que as crianças sentiram a necessidade de apresentar em casa o tema que estavam estudando na escola.

Cabe destacar que as etapas realizadas foram sendo constituídas ao longo do desenvolvimento das aulas, uma vez que os alunos demonstraram interesse e participação ativa, durante todas as atividades propostas, sendo que o tema não

se deu como esgotado, havendo o desenvolvimento de outras etapas que serão apresentadas futuramente.

Os resultados produzidos a partir do desenvolvimento do trabalho trouxeram a necessidade de uma proposta que elabore e pratique um currículo escolar contextualizado, no qual os alunos se aproximem dessa história tão importante para contribuir com o rompimento das barreiras relacionadas ao racismo no Brasil, valorizando a história de comunidades tradicionais que contribuíram na construção da nação brasileira e também criando cidadãos conscientes desde a infância, a fim de permear na sociedade o respeito, a responsabilidade e o enaltecimento da cultura e do histórico de lutas dos povos quilombolas Kalunga, que são verdadeiros exemplos de resistência, saberes, educação, honra e vitórias.

Nesse cenário, foi trabalhado o conceito e origem do preconceito e a aceitação do nome Kalunga, apresentando as pluralidades da cultura, exercida através das festividades, a luta pelo reconhecimento territorial e sua extensão o qual continua representando um espaço de resistência.

A partir desse contexto, fez-se uma abordagem geral dos hábitos culturais e sociais dos quilombolas Kalunga, apresentando os principais alimentos produzidos e consumidos na comunidade, seu jeito de ser, plantar, produzir e viver socialmente com uma cultura apoiada na fé, com os festejos, nas danças, no ensino vivenciado nas escolas da comunidade e nas tradições repassadas de geração para geração.

Por último, discutiu-se acerca da garantia dos seus direitos culturais na escola, como a oferta da merenda escolar relacionada com os hábitos alimentares da comunidade, uma vez que as escolas quilombolas possuem um cardápio alimentar diferenciado das demais escolas, de acordo com o estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica DCNEEQEB de 2012.

Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meio ambiente e a geografia local... Há uma reivindicação histórica das organizações do Movimento Quilombola em relação à alimentação destinada às escolas e seus estudantes. Os quilombolas reivindicam uma alimentação escolar articulada aos costumes locais, à sua dieta alimentar, aos modos de ser e de produzir das comunidades. (BRASIL, 2012)

Oportunizar o conhecimento sobre as comunidades quilombolas, por meio das etapas realizadas, tornou-se uma possibilidade de mostrar para os alunos que conhecer a história, realizar pesquisa e construir conhecimento é uma janela para colaborar na formação de adultos mais receptivos e menos preconceituosos.

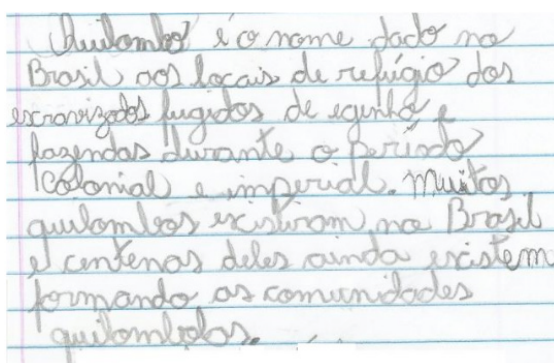
Os alunos aprenderam que na ancestralidade do povo brasileiro, os africanos foram marcados pelo processo de escravização, iniciado em África onde eram

capturados e posteriormente trazidos para trabalhar em terras brasileiras. Durante a viagem sofriam terríveis mazelas como doenças, violência, maus tratos e fome, sendo que muitos morriam durante a trajetória no oceano Atlântico. Já em terras brasileiras eram separados para evitar comunicação entre si e misturavam-se a diversas etnias, a fim de que obedecessem às ordens de seus senhores para realização dos trabalhos.

Por muito tempo adotou-se o termo escravos para designar àqueles que eram capturados e trazidos para trabalhar a força em terras brasileiras, sendo que em alguns materiais de Ensino Básico a palavra ainda é adotada. A aula permitiu evidenciar que ao trocarmos o termo escravo por escravizado, humaniza aquela pessoa que foi colocado na condição de propriedade e não se tratava de um objeto de trabalho, conforme citado por de-La-Taille e dos Santos, 2012.

Escravizado, nessa perspectiva, remete a um campo semântico distinto daquele construído e constituído em torno do vocábulo escravo. Escravo conduz ao efeito de sentido de naturalização e de acomodação psicológica e social à situação, além de evocar uma condição de cativo que, hoje, parece ser intrínseca ao fato de a pessoa ser negra, sendo desconhecida ou tendo-se apagado do imaginário e das ressonâncias sociais e ideológicas a catividade dos escravos por povos germânicos, registrada na etimologia do termo. O campo semântico de escravo aproxima a pessoa cativa de um ente que seria escravo, no lugar de permitir entrever que ele estaria nessa condição. A responsabilização sobre a condição de cativo desliza da parte que exerce o poder e escraviza outrem, para a parte que, oprimida, passa a ser vista como natural e espontaneamente dominada e inferiorizada. Em não se tratando de um estado transitório, mas de uma condição de vida, implícita no termo escravo, seu emprego contribui arduamente para a anistia dos agentes do processo histórico de desumanização, despersonalização e de expropriação identitária do escravo ou ex-escravo. (de-La-Taille e dos Santos, 2012, p.8)

Em sala de aula, juntamente com os alunos pesquisou-se em dicionários físicos e online e em sua maioria não se encontrou o verbete “escravizado”. Com a leitura do livro “O Kalunga tem história” verificou-se que nenhum dos alunos sabia de que se tratava um quilombo, pois nunca haviam ouvido ou estudado sobre o tema. O trabalho permitiu com que conceitos fossem elaborados pelos alunos conforme apresentado na escrita do aluno A1 na figura 3.



Quilombos é o nome dado na  
Brasil nos locais de refúgio dos  
escravizados fugidos de engenhos e  
fazendas durante o período  
Colonial e imperial. Muitos  
quilombos existiram na Brasil  
e centenas deles ainda existem  
formando as comunidades  
quilombolas.

Figura 3: Conceitos elaborados pelo aluno A1.

Fonte: Elaborado pelo aluno A1.



Os alunos se encantaram com a forma pela qual os Kalungas realizam os festejos no culto a São Gonçalo, Nossa Senhora do Livramento e São Sebastião onde as famílias se deslocam para regiões da Comunidade Kalunga, comemorando, rezando, dançando, ouvindo musicas como forma de agradecimento e manutenção das suas raízes culturais. Foi observado que os jovens vêm substituindo a sussa pelo forró devido à proximidade com a tecnologia e o meio urbano

Os festejos tornaram-se um atrativo para o turismo local e acontecem ao longo do ano sendo incluídas as rezas, danças e comidas típicas. Uma das mais conhecidas é a festa de Nossa Senhora da Abadia, que ocorre na comunidade de Capela, na região do Vão de Almas, durante o mês de Agosto.



Figura 2: Festejo de São Gonçalo

Fonte: Frazão, 2017. pp. 28 e 29.

As pesquisas realizadas como tarefa de casa sobre os festejos e a valorização da cultura, resultaram em falas que evidenciaram o interesse em aprofundar os estudos sobre a comunidade, como também valorizar a cultura ante o turismo, conforme é apresentado na fala dos alunos abaixo:

Preciso conhecer melhor o Kalunga, saber em que acreditam, seu artesanato, seus costumes e como vivem lá. (A2)

O mais importante no Kalunga não é a parte do turismo, mas sim a cultura. (A3)

Durante as apresentações de slides (Figura 3) sobre as tradições culturais dos povos Kalunga foram citadas a sussa e o bolé como parte da cultura local.

## TRADIÇÕES CULTURAIS

Sussa	Bolé
<ul style="list-style-type: none"><li>de origem africana, essa dança é considerada sagrada. A participação feminina é predominante, e as mulheres dançam girando e equilibrando garrafas na cabeça. O momento é marcado pelo som de violas, pandeiros e sanfonas</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>voltada para as crianças da comunidade. É feita uma grande roda e a dança é marcada pelo ritmo acelerado e muitos giros. A manifestação chegou a se perder da tradição e vem sendo resgatada pelos Kalunga.</li></ul>

Figura 3: Slide elaborado pelo aluno A2

Fonte: Elaborado pelo aluno A2

Os alunos puderam conhecer que a principal atividade econômica existente na comunidade foi durante muitos anos a agricultura familiar de subsistência sendo comum a troca do excedente por produtos não típicos da comunidade, como o sal e o café. Essa base econômica não monetária, caracterizada pelo escambo, permitia uma equidade da distribuição dos bens dentro do quilombo (UNGARELLI, 2009), característica que hoje foi alterada, pois ao precisar do dinheiro para comprar aquilo que não produzem, realiza a venda do excedente de sua produção. Além da agricultura, essas comunidades cultivam diferentes tipos de frutas e verduras nos arredores das casas e também dependem do extrativismo de espécies nativas da região, como jatobá, gueiroba, pequi, baru, cagaita, mangaba, baquari, cajuí, coco indaiá, buriti e o licurí, como apresentado por Fernandes (2015). O aluno A4 pode evidenciar esse aprendizado na sua fala durante a atividade oral:

A vida na comunidade quilombola se baseia em plantações, coleta de produtos como frutos, além de criarem animais para consumo. (A4)

O povo Kalunga tem desenvolvido um novo setor econômico, o turismo com vários atrativos naturais, como cachoeiras e mirantes, sendo a cachoeira Santa Bárbara a mais visitada da região de Cavalcante, atração esta que demanda guias, alojamentos e alimentação para os turistas e gera juntamente com a venda de artesanato retorno financeiro para a comunidade Kalunga.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização das atividades permitiu verificar que ocorreu a compreensão de forma significativa dos conceitos de quilombo, quilombolas, comunidade quilombola,

escravo e escravizado pelos alunos, sendo que durante a sequência das atividades notou-se que os alunos foram participando de todo o processo, sentindo-se cada vez mais à vontade e interessado para desenvolver as atividades solicitadas, participar dos diálogos e realizar as pesquisas, questionando sobre o assunto, envolvendo os seus pais, sentindo-se mais motivados na busca do conhecimento.

Foi interessante perceber que crianças de dez anos podem e conseguem pesquisar, conhecer e serem críticos diante da realidade. Que o preconceito é algo construído ao longo da vida, pois para os estudantes o Kalunga não tem só história tem uma identidade e uma cultura que precisa ser perpassada e preservada. Atualmente existe o desejo por parte dos alunos em juntamente com seus pais realizarem uma visita para vivenciar uma experiência na comunidade e assim conhecê-la de forma mais próxima tudo aquilo que eles puderam conhecer nos livros, pesquisas e diálogos.

Dessa forma, o ensino da história de Goiás a partir do livro didático dos alunos em conjunto com um livro paradidático produzido a partir de uma vivência na Comunidade Quilombola Kalunga permitiu aos alunos se movimentarem para construir o seu próprio conhecimento a cerca das comunidades quilombolas, tornando a oportunidade de serem sementes de um futuro que valorize a ancestralidade de povos que lutaram e lutam até hoje por condições melhores de vida e bem como colaboradores na eliminação do racismo no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. G. **Organização Espacial e Ocupação no Kalunga**: a moradia como efetivadora. Paranoá Periódico Eletrônico de Arquitetura e Urbanismo. Paranoá, Brasília, DF, v. 7, 2005.

ARRUTI, J. M. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru: Edusc, 2006.

BAIOCCHI, M. N. **Kalunga**: povo da terra. Brasília: Ministério da Justiça, 123p. 1999.

BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus, 2000.

BARTH, F. **On the study of social change**. American Anthropologist, Washington, v. 69, n. 6, p. 661-669, 1967.

BRASIL. **Resolução N.º 08 de 20 de novembro de 2012**. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola. Brasília, MEC/CNE, 2012. BRASIL. \_\_\_\_\_. MEC, 2012. Disponível em <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivospdf/diretrizes-curriculares>. Acesso em: 03 mai. 2019.

DALFRÉ, L. A.; MELLO, L.; FREITAS, S. C.; **Regional 5º Ano**: História e Geografia: Goiás. Curitiba: Positivo, 2013. 18-27pp.

FRANZÃO, Juliana Moraes. **O Kalunga tem História**. Uberlândia: Navegando, p. 40, 2017.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E.; SANTOS, A. R. **Sobre escravos e escravizados**: percursos discursivos da conquista da liberdade :III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS). Campinas – SP, p. 13. 2012. Disponível em:

[https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT\\_DE\\_LA\\_TAILLE\\_ELIZABETH.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT_DE_LA_TAILLE_ELIZABETH.pdf) - Acesso em 28 de mai.2019

LIMA, L. N. M.; NAZARENO, E. **Manifestações culturais em território Kalunga**: a festa de Nossa Senhora de Aparecida como elemento de (re)afirmação identitária e reaproximação étnica. REMIE Multidisciplinary Journal of Educational Research, v. 2, n. 1, p. 105-127, 2012.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões na senzala**: quilombos, insurreições, guerrilhas. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. 2. São Paulo: Ática, 1992.

MOURA, Glória. **A educação e as comunidades remanescentes de quilombos**. Revista Palmares em Ação, Brasília, Ano 1, n. 1, 2002, pp. 10-23.

MOURA, Glória. **O direito à diferença**. In: KABENGELE, M. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Dimas S. da. Frechal: **Constituição e diferença**: o problema jurídico das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil. In: Regulamentação de terras de negros no Brasil. Boletim Informativo NUER, v. 1, n. 1.

UNGARELLI, D.B. **A comunidade quilombola kalunga do Engenho II**: cultura, produção de alimentos e ecologia de saberes. 2009. 92p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-70122015000200421](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122015000200421) – Acesso em 28 de mai.2019.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acesso e permanência 15

Análise do comportamento aplicada 97, 98, 99, 100, 107, 109

Aprendizagem 2, 4, 6, 8, 15, 17, 18, 20, 21, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 73, 74, 98, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 112, 113, 116, 117, 121, 122, 127, 145, 146, 147

Artefactos tecnológicos 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89

Avaliação 4, 20, 62, 63, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 97, 100, 102, 108, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 127, 146

### B

Brasil 2, 12, 14, 15, 16, 17, 22, 47, 51, 52, 58, 59, 60, 62, 63, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 96, 99, 108, 116, 121, 129, 139, 141, 145, 146, 147, 149, 150

### C

Capitalismo 24, 129, 131, 135, 138

### D

Divisão do conhecimento 128

### E

Educação cidadã 64, 67, 70

Educação de jovens e adultos 1, 3, 4, 6, 11, 12, 53, 54, 63

Educação especial 22, 23, 98, 99, 108

Educação superior 16, 22, 27, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 149

Enem 19, 69, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127

Ensino fundamental 8, 17, 22, 26, 43, 44, 45, 74, 97, 98, 99, 100, 108

Escola sem partido 64, 65, 67, 68, 71

Estratégias de aprendizagem 79, 82, 86, 87, 92, 93, 94, 95

### F

Formação permanente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

### I

Ideologia 64, 67, 69, 71, 136

Inclusão 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 55, 70, 75, 98, 99, 100, 102, 104, 105, 107, 108, 109

Indivíduo 24, 30, 32, 33, 38, 39, 41, 69, 70, 99, 101, 105, 113, 128, 129, 137, 138, 139, 140, 146

### K

Kalunga 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52

## **M**

Marxismo 128, 137, 140

Médias 117

Múltiplas deficiências 30, 31, 32, 41, 42

## **P**

Parintins 30, 31, 32, 41

PCN 68, 128, 129

Plataformas virtuales educativas 79, 81, 83, 84, 85, 92

Práticas motoras 31, 35, 36, 37

Profissionalização docente 1, 6, 7, 11

## **Q**

Quilombolas 43, 44, 45, 47, 50, 51

## **S**

Ser humano 5, 8, 22, 24, 25, 28, 31, 57, 58, 128, 130, 134, 135, 136

Ser social 128, 130, 137, 138

Surdez 15, 16, 23

## **T**

Trabalho 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 17, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 40, 43, 45, 47, 48, 55, 57, 61, 62, 67, 75, 99, 100, 109, 110, 111, 112, 117, 122, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 143, 144, 146, 148

Transtorno do espectro autista 30, 97, 98, 107, 108, 109

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**